Ano 20.º — Sabado, 14 de Janeiro de 1928 — (AVENÇADO) — N.º 1.008

# O DEMOCRATA

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Lusitania»
R. Eça de Queiroz, n.º 3—AVEIRO

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda n.º 21

Semanario Republicano de Aveiro

# Dr. Jaime de Magalhães Lima

## Como o ilustre publicista se exprimiu no serão do "Grupo do Alecrim,, que apresentou.

Minhas Senhoras
e meus Senhores

Desce a aldeia á cidade; vem a rudeza ingénua a visitar e a conhecer e a interrogar a cultura adestrada na arte de suavizar a vida e lhe destilar doçura e harmonia. E eu que na rudeza professei, e com a rudeza habito e me consubstanciei, e da rudeza colhi seus salutares confôrtos e lições, seus incomparáveis filtros de vigor e felicidade, dilatada e avidamente por mim experimentados e amados, obrigado estou a acompanhar a rudeza e a seguir seu rasto, onde quer que êle a conduza. Se por dever de vizinho não me trouxesse, se por a servir como ela me serve e acaricia me não juntasse á sua gente, bastar-me-ia, para não a deixar, o amor convicto e a devoção incorruptível que á sua beleza há muito consagrei, e as bençãos inumeráveis em que a contemplação e o contacto da sua formosura me retribuem o afecto, dando-me a respirar divinos haustos de robustez e alegria.

Por isso quero sofrer as penas e castigos da sua indiscreta jornada, se contrária lhe fôr, assim como lhe rogo que não me exclua das consolações e fortuna que nela encontrar, se a sua ousadia a-final lhe sorrir e fôr propicia. A tôda a sua sorte me sinto sujeito e obediente, desde que da sua condição de rusticidade fiz a minha aspiração, e a minha estreia, e o meu enlêvo e a minha crença. Só humildade lhe devo e quero tributar-lhe; assás pequeno me vejo diante da sua candura, para que possa imaginar que a minha presença a seu lado signifique valeidades de protecção.

Esta gente que na gandâra se juntou e aqui está, a pedir-vos as vossas complacências para os seus inocentes e singelos folguedos, traz ainda humedecida a fronte do suor do trabalho que por êste breve instante interrompeu. Um, ao partir, deixou no campo o arado, aquele arrumou no alpendre a foice, e outro lá poisou a enxada, e outro ainda correu a agasalhar os gados e a prover-lhes de penso as mangedouras; e a rapariga que zela a casa, antes de sair guardou a agulha e encheu de agua clara a cantareira e ateiou o lume do seu lar, para na sua ausência saciar e aquecer a velhice e a criança e o peregrino, e sob o seu tecto dia a dia inflama a piedade.

A êste feixe de incultas flores da gandâra chamei eu o alecrim. Fui eu que o baptizei; e foi êste nome lhes dei e neste símbolo as encorporei, porque no seu olhar e no seu lidar, na sua faina e na sua graça senti aquela melancolia virilmente constante que da flôr do alecrim emana, qualquer coisa irmã do perfume robusto das suas hastes; nestes filhos do bravio onde cresce a urze, senti a alma da flôr do alecrim e o seu mistério de uma saudade fiel, intemerata, o afêrro a não sei que sonho imortal de amor dos homens e das coisas, de Deus e da terra, que no passar das gerações tornou o alecrim em deidade milagrosa e lhe mereceu as orações do poeta e o sagrou no calor dos peitos namorados.

*«E' para lembrança* - dizia a louca Ofélia, dando a Laerte ramos de alecrim.»

Por eleição de reconditos destinos, no alecrim anda encarnada a perpetuidade: e porque uma perpetuidade, e a mais bela e clara, e a mais francamente redentora das incertezas dolorosas da existência encontrei na rudeza da gandâra e dos seus filhos e seus servos, por isso confundi no mesmo nome esta gente e o alecrim que lhe guarda e incensa a entrada da choupana.

E mais, sem duvida: — Esta perpetuidade que senti habitar na alma desta gente será apenas o espelho brilhante da perpetuidade da grandeza e da fortaleza dêsse génio inegualável e suprema virtude de pensamento e acção ao qual chamamos o povo, que sendo composto de homens é muito mais que os homens, assim constituindo a mais completa e perfeita expressão da humanidade—maravilhosa síntese espontânea de actividades e criações terrenas, inspiradas por insondáveis alentos divinos purificadores.

Do povo nos vem toda a fortaleza e, mais ainda, toda a dignidade e nobreza da nossa vida. E' bem que o reconheçamos; é acto de preito á verdade, e imposição da evidência. E é bem que por isso amemos o povo; é a retribuição de uma divida.

Algum dia em que as ambições e o tumulto do mundo me envolviam e arrastavam em suas dissipações sinistras, estas palavras de amor ao povo poderiam parecer na minha bôca uma mentirosa lisonja interessada; hoje, porém, que por uma piedosa fatalidade essas sombras de tudo se afastaram e a velhice e as vicissitudes do tempo me consentiram na solidão o mais isento exame de consciência, espero que, inequivoca e patentemente, a confissão desta minha fé significará o depoimento das conclusões de uma existência tão medianamente estudiosa e pobremente esclarecida quanto prodigamente abundada de ansiedades de amor e de aturadas instâncias intimas de penetração do conhecimento da natureza das relações essenciais e dos motivos religiosos que unem os homens em sociedades e lhes instilam o carácter de uma unidade superior.

*Dr. Jaime de Magalhães Lima*

Ao fim da minha modesta experiência encontro que as grandes forças que unem os homens e os alimentam e os glorificam são anónimas e excedem tôda a individualidade, fenomenal que essa infinidualidade seja na latitude das suas proporções. As grandes fôrças que verdadeiramente criam a humanidade e lhe dão forma e saúde e beleza e a corôam de reflexos celestes, residem nessa entidade vaga e fluida que chamamos o povo.

Do povo nos vem o pão; é êle que da terra no-lo desentranha pelo vigor do seu braço, e é êle que paciente e corajosamente no-lo ministra pela generosidade de seu coração.

Por mim o sei, eu que por condição do nascimento me achei no mundo, incapaz de grangear por minhas proprias mãos o sustento. Entre as copiosas bençãos que cercaram a minha incerta jornada, de contínuo fui sujeito a sustentar-me do pão que outros na sua caridosa humildade, pela qual lhes beijo as mãos, arrancam para mim das leivas empedernidas que o ferro pulverizou e da inclemência das estações que o trabalhador vitoriosamente afrontou.

E' do povo a maior sabedoria.

Guarda-a nos seus provérbios, na tradição a ensina e transmite, de face a face e de bôca em bôca, como nas suas acções a demonstra e manifesta em exemplo visível e a torna em realidade.

A sabedoria não está nos livros, por mais que o orgulho dos que os fabricam e freqüentam imagine poder atribuir-lhes essa alta missão. A sabedoria anda no entendimento comum das gerações e das raças e nos seus afectos. Livros, assás os conheço para que fundamente lhes suspeite laivos de inanidade perante aquela indestrutível sabedoria que pela bôca das nossas mães nos foi murmurada no berço, e pelo convívio do vizinho e do companheiro nos foi gota a gota instilada no ânimo e nos entrou no sangue. A sabedoria, se queremos herda-la e possui-la no seu mais profundo e inabalável poder, não é da poeira das bibliotecas que havemos de a colher, embora de ouro seja essa poeira e nos fascine e enleve e nos acenda suavissimos transportes; a sabedoria, a maior, a grande, a mais perdurável e a mais profunda, é na experiência e no zêlo do povo que havemos de a aprender e de lhe obedecer, e é na sua voz que havemos de a escutar. Porque *Vox populi, vox Dei:* a voz do povo é a voz de Deus, o preceito dos preceitos, em tôda a extensão.

Do povo nos vem a beleza mais pura. na sua ingenuidade e na sua graça reside e renasce de geração em geração; na sua espontaneidade é que mais subtilmente nos surge e enternece, e infinitamente nos ilumina e comove.

A beleza que nas academias e nas artes aristocráticas se urde e estampa e ensoberbece, será pequenina e estreita, um mero acidente passageiro, um capricho singular e efémero, se a confrontarmos com aquela outra beleza, opulenta e vasta e olímpica, que Deus mandou ao povo e nas suas criações naturais, alheias a complexos propósitos meditados, derramou a jorros —quer essas criações sejam o corpo apolíneo do cavador, quer ateiem as fogueiras do S. João, quer adornem de grinaldas a ermida e o templo ou se agitem no bailar da romaria, quer se modulem em trovas de namorados ou se desprendam do retinir das enxadas, quando os coros gementes do trabalho vibram em harmonia com o scintilar do aço ferindo a pedra, e juntam a terra e os céos em um só hino de louvor á magestade das criações e dos sois.

A maior glória do artista e do poeta não será singularizar-se por suas obras e seus cantos e, desvanecido nas excelências e na raridade que lhes descobrir, afasta-los do comum. Porque quanto mais alto o coloca, menos visível e menos sentida a torna, e assim lhe mingua a amplitude de acção e o seu poder de comoção.

A gloria do artista será antes identificar-se tão profundamente com o génio comum que a sua obra se difunda e repita na memória e no amor do povo e nele viva, como se anónima fosse e do povo tivesse nascido; e Soares de Passos, com o seu *Noivado do Sepulcro* derramando de extremo a extremo da terra portuguesa a elegia dos amores mortais da nossa gente, sem nome do autor nem a preocupação de o saber cantada e chorada por milhares e milhares de bocas, como se seu autor fossemos todos nós e êsse lamento do infortunio e tragédia irremissivel da vida brotasse espontâneo do peito de cada um de nós, Soares de Passos aí foi realmente grande, sumamente grande, e edificou um monumento ao qual nem a altura dos *Lusiadas* pode fazer sombra, porque, evidentemente, em um exame desprendido de convenções académicas, acharemos que o *Noivado do Sepulcro* é mais cantado e ouvido, e mais enternecidamente, é muito mais comum que as melhores passagens dos *Lusiadas*. E modernamente, o sr. Antonio Corrêa de Oliveira, pelas suas *Cantigas*, vazando no ritmo popular e no cantar comum as mais tenues delicadezas do lirismo consciente e reflectido e os mais elevados conceitos, deu á sua arte uma grandeza tanto mais vasta quanto mais no sentimento e na vibração do comum a fundou.

Se moço estivesse e capaz me achasse, com energia de corpo e lucidez de espirito suficientes para servir a religião da Belêza, em cujo culto tenho uma fé ardente, eu não quereria para mim outro apostolado que não fosse este do rejuvenescimento da arte culta pela sua inspiração e expressão no sentimento e no conceito comum e nas suas formas ingénuas. Só desta restituição ás suas raizes mais profundas e ás seivas virgens que nelas se fabricam e a alimentam, só dêste renascimento eu confiaria uma apolinea ressurreição dos homens e das sociedades, ao presente afundados e agonizantes no mar tenebroso das fealdades sem conta em que infinitos

*O Grupo do Alecrim, vendo-se sentados a sr.ª D. Maria Leocadia Magalhães Lima e seu pae o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima*

desvairamentos e a obliteração ruinosa do sentimento da harmonia os desfiguram e nos mortificam, em quanto pervertem tôda a arte.

Porque nas horas de desfastio e repouso, que para não serem de todo perdidas lembraram este agrupamento de moças e moços, prontos a cantar e a bailar, se procurou esboçar dentro de limites acanhadisssimos a todos os respeitos, uma tôsca e campezina aproximação mal cerzida da arte culta e da arte rude; e porque firmemente creio que essa aproximação é vivificante, senão salvadora, em seus efeitos de regeneração estética e tambem, sem embargo e manifestamente, em seus efeitos e beneficios morais correlativos; porque nestas propensões e na sua claudicante execução que o nosso ambiente e os nossos mesquinhos recursos podem facultar sonhei uma obra sã e fecunda, embora por condição da fatalidade pequenina fosse: por isso me arrojei a apresentar-vos esta gente e a pedir-vos para ela e para as suas insuficiências e para a sua ignorância, senão a vossa simpatia, ao menos a vossa indulgência.

Mais não procura, e a nada tem direito, bem o sabe. Mas por se sentir carecida de afagos que lhe robusteçam a coragem de viver e perfazer seu destino sem o maldizer e antes sorrindo-lhe, dos brejos em que moureja desceu ás planuras verdes dos vossos campos e ás ribas calmas das nossas lindas águas, em busca de generosidade que a alente e que um demónio interior, na infalibidade dos seus segredos e na certeza de todos os pressentimentos que do coração nos vem, lhe assegurou dimanar copiosamente, inesgotável, do calor do vosso peito, inflamado em bondade.

Em troca, e da sua pobreza fazendo tesouro, vem oferecer-vos aos lábios a sua mal polida taça de alegria e o vigor que nela se contem. Cantar, para esta gente, como para toda a ingenuidade laboriosa que se move á lei da naturêza e a divinisa, cantar não é um passatempo, não é um meio vulgar de iludir a morosidade das horas, não é um apetite e um vicio da ociosidade, ávida de refrigérios; cantar é uma necessidade irrefragável, um pão bemdito da nossa alma, tão caro e essencial á vida como o pão do corpo; é o sacramento da alegria que completa o trabalho e o transforma em écos triunfais de uma vitória, tão eficazmente quanto a tristesa, blasfémia satânica que Deus nos poupe, enegrece e mida o trabalho em angústia e condenação sombria. Cantar é para o trabalho como o seu anjo da guarda, o viático que o une a Deus.

E agora, certo de que quando a razão não me assista, a vossa amizade a suprirá e por sua graça não me desmentirá as esperanças, loucas que elas sejam; agora, afoitamente antepondo a minha interpretação do vosso sentir á almejada autorisação vossa que enlevados imploramos; agora, precipitado de ousadia em ousadia, naquele despenhar que é a invocação de todos os abismos; agora que vos jurei a minha fé na ansiedade de que seja tambem a vossa; agora, e com a devida vénia, me atrevo a dizer a esta gente: — Cantai!

**N. da R.** — *O Democrata* agradece ao sr. dr. Jaime Lima a honra que lhe deu, concedendo-lhe o brilhantissimo discurso com que hoje delicia os seus numero sos leitores.

E' o sr. dr. Jaime de Magalhães Lima uma alta mentalidade da nossa terra, de quem a politica nos afastou, mas que a justiça manda colocar no primeiro plano da pleiade aveirense que mais se tem distinguido pelos seus escritos de sabor literario e filosofico.

Por isso lhe ficâmos deveras reconhecidos.

## Festa de beneficencia

— —

As creanças pobres não foram esquecidas pela Associação Dramatica de Aveiro, que, pela primeira vez, e durante as solenidades do Natal, fez colocar no seu salão nobre uma arvore repleta de brinquedos com que foi contemplada a petizada desconhecida do Menino Jesus...

Os nossos louvores á Direcção pelo seu acto.

## MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

# A' memoria de Domingos Cerqueira

Efectuou-se, como pre-noticiámos, a homenagem ao falecido inspector escolar deste circulo, sr. Domingos José Cerqueira, com a colaboração do professorado e amigos do extinto.

A' sessão realisada na Escola n.º 2 presidiu o sr. governador civil, secretariado pelos srs. d. Lourenço Peixinho, presidente da Camara; dr. Alvaro Sampaio, professor do liceu; inspector-chefe João Antunes, que de Lisboa veio expressamente e Justino Ferreira, inspector do circulo de Oliveira de Azemeis.

O chefe do distrito disse que se ia prestar uma merecida homenagem a quem tão alto soubera manter a sua missão, dando depois a palavra ao sr. Abel de Andrade, que teve frases de repassada saudade e admiração pelo falecido colega.

O sr. dr. Alberto Souto produziu uma magnifica oração, que prendeu, por largo tempo, a atenção da assistencia. Disse que estava ali por um dever pessoal e por ser aveirense, para falar daquele que fôra um obreiro da instrução, base fundamental do engrandecimento da nacionalidade. A maior preocupação do falecido inspector fôra sempre com bater o analfabetismo, aconselhando os professores do seu circulo a fazerem do ensino um sacerdocio, para bem da Patria e das creanças. Referiu os grandes serviços prestados a Aveiro com a criação de escolas e nomeação de professores, e engrandeceu toda a acção do extinto, referindo o seu labor, a sua delicadeza, a sua actividade, o seu apêgo ao trabalho, que abandonára sómente horas antes de morrer.

Segue-se o sr. dr. Querubim Guimarães, que aludiu ao largo e fecundo exemplo que nos legou o finado. Apreciou-o na sua intimidade e na sua acção, nas horas dolorosas da sua vida e das suas esperanças, durante três longos anos, que a sua existencia se debateu com a morte. O orador comoveu-se, e dessa comoção partilhou a assembleia, vendo-se lagrimas em muitos rostos. Lembrou que o dr. José de Padua, falando do extinto, entre outras referencias de elevado apreço, afirmára que em Domingos Cerqueira residia a inteligencia mais serena que tinha conhecido. Aquela manifestação representava um merecido tributo de veneração e respeito a um homem que a morte tão cedo arrebatára.

O inspector-chefe sr. João Antunes, admirou a grandeza da cerimonia que se estava realizando, dizendo que lhe parecia estar vendo ainda e ouvindo o saudoso inspector de Aveiro. Conhecia toda a sua obra gigante e todo o seu trabalho fecundo. A Domingos Cerqueira podia aplicar-se a frase: *Os mórtos falam.* Em nome de todos os seus colegas se associava áquela manisfestação e a todos os professores aconselhava que não esquecessem o grande exemplo legado por aquele que foi o seu melhor amigo. *(Muitas palmas).*

O professor sr. José Pereira Teles, de Ilhavo, disse falar com os olhos enxutos porque se não convencia ainda da desaparição do grande mestre e do bom amigo que, como Alfredo Binet, dizia que a Escola é a principal preparação para a vida. Terminou o seu brilhante discurso com os versos:

*«A lembrança do Amigo, tão saudoso nos nossos corações, pobre sacrario.»*

O sr. Albino da Rocha, professor do circulo de Anadia, representando o inspector sr. Amorim, que, por doença, não poude estar presente, engrandeceu a acção de Domingos Cerqueira.

Falou ainda o sr. João Marques Ramalheira, professor em Vale de Ilhavo, e, por ultimo, o sr. Justino Ferreira, inspector do circulo de Azemeis, que teve palavras de apreço e de saudade para o falecido, em seu nome e no de todos os seus colegas do distrito.

Foi, depois, convidado o filho do homenageado, o academico sr. Eduardo Cerqueira, a descerrar o retrato de seu pai. A assembleia levantou-se. O momento foi solenemente comovedor. Exibido o retrato, ouviram-se palmas. O sr. Eduardo Cerqueira, leu palavras de sentido agradecimento, que o sr. Abel de Adrade, em nome da comissão promotora da homenagem, repetiu.

Organizou-se a seguir o cortejo ao cemiterio, em que tomaram parte muitas creanças sobraçando flores com que cobriram a sepultura de Domingos Cerqueira. Junto desta proferiram ainda palavras sentidas os professores Cezario Cruz, da Gafanha, e o inspector interino sr. Abel de Andrade.

Por fim a debandada com a satisfação do dever cumprido.

## Musica do Troviscal

— —

Vimos a noticia de que, pelo sr. bispo de Coimbra, foi levantada a interdição á musica do Troviscal, que durava ha seis anos, e tanta celeuma provocou nos diferentes arraiais politicos.

Ainda bem. E em louvor da Senhora da Paz—Micas: acende a lamparina ao sr. bispo!...

## Nova sociedade

No logar competente vai publicada hoje a escritura de uma nova sociedade que acaba de ser constituida entre os srs. Ulisses Pereira, Francisco Pereira Lopes, José Maria da Costa Monteiro, Benjamim Ferreira Fidalgo, José Francisco Corujo e José Dionisio e que se propõe explorar o comercio de Mercearias na nossa praça sob a firma *Ulisses Pereira, Lda.*

Pela probidade reconhecida em todas as pessoas que compõem a nova sociedade, de esperar é que o negocio lhes seja propicio, coroando-se do maior exito.



## Aí, catitas!

— —

O *Correio da Manhã*, que tem por director o *Conselho Director Central das Juventudes Monarquicas Conservadoras*, publicou na quarta-feira um numero dedicado a Aveiro em que se destacam na sua *pagina regional,* firmando colaboração, os nomes dos srs. Antonio Maria Duarte, director do orgão democratico local, e dr. André dos Reis, seu companheiro de redacção, embora encoberto.

Sabido como o referido orgão tem apreciado a nossa orientação—franca, clara, sem sofismas— regionalista, mofando dela e inventando o termo *regio-nálista* para intrigar, amesquinhar, deturpar o sentido das coisas, palavra de honra que não podia vir mais a proposito o numero do *Correio da Manhã.*

Assim é que nós gostâmos de as vêr—aos puritanos!

Uns catitas, que, para meterem figura e dar largas á sua incomensuravel vaidade, não hesitaram acamaradar com os que teem apodado de *regio-nalistas*, colocando-se a seu lado na gazeta das Juventudes Monarquicas Conservadoras!

Voltem para cá e verão o que lhes acontece...

## Notas Mundanas

**Aniversários**

*Fez anos no dia 10, o sr. Lauro Corado. A'manhã fá-los, a sr.ª D. Maria Regina Miranda Marques Pinto; em 16, o sr. João Evangelista de Campos e em 20, o sr. Teodoro Vicente Ferreira.*

*— Tambem na quarta feira passou o primeiro aniversario da interessante Maria de Lourdes, filhinha do tenente Arnaldo de Quina Domingues.*

*Parabens.*

**Partidas e chegadas**

*Com sua esposa seguiu na quinta feira para Lisboa, onde conta passar uma temporada, o nosso particular amigo sr. José Moreira Freire, a quem agradecemos os seus cumprimentos de despedida*

*— Estiveram nesta cidade os srs Amadeu Rodrigues da Paula, viajante do Centro Comercial de Drogas, L.ª, de Coimbra e José Nunes de Figueiredo, empregado nos escritorios das Minas das Talhadas (Agueda).*

*— Depois de aqui ter passado as férias do Natal seguiu de novo para Rossas (Macieira de Cambra) a sr.ª D. Etelvina Mafalda Meireles, que ali exerce o magisterio primario.*

*— De regresso da America chegou ao seio da sua familia o nosso conterraneo sr. Antonio de Pinho Vinagre, que conta demorar-se alguns meses entre nós.*

*Afectuosos cumprimentos.*

*— Está nesta cidade o sr. Abel Pedro de Souza, de Amarante.*

**Doentes**

*Acha-se retido no leito o sr. Moraes Neves, director de Finanças, a que desejamos pronto restabelecimento.*

*— Foi violentamente atacado pelo reumatismo o sr. Jacinto Aurelio de Figueiredo.*

*— Em franca convalescença de um encomodo que chegou a causar receios, encontra-se o sr. Isaias de Albuquerque.*

## O S. Gonçalinho

— —

Com tempo magnifico, realisaram-se nos dias 7, 8 e 9 os anunciados festejos ao S. Gonçalinho, cuja capela se ergue no centro da Beira-Mar, levados a efeito pela *velha* comissão.

Houve fogo e iluminação a luz electrica, tocando as bandas dos Bombeiros Voluntarios de Ovar e *Amizade* desta cidade, que chamaram ao local, enorme concurso de povo.

No domingo tocou, de tarde, a banda *Amizade,* sendo lançadas do campanario as tradicionais cavacas, em numero reduzido, e na segunda feira teve logar a visita aos mordomos que no proximo ano servirão de festeiros.

* * *

Hoje, ámanhã e depois realizam-se os festejos da *nova* comissão, abrilhantados por a musica de Fafe que tocará alternadamente como a de José Estevam, regida por Antonio Lé.

## Dr. Manuel Carrêlo

— —

Por lapso deixámos de dar, em devido tempo, noticia da formatura na Universidade de Lisboa, do sr. dr. Manuel Augusto Simões Carrêlo, filho dilecto do sr. José Simões Carrêlo, proprietario de Cacia e sobrinho do sr. Manuel Domingues Nina, industrial e comerciante na capital.

O novo medico, que foi um estudante muito aplicado, vai, decerto, evidenciar-se entre os seus colegas devido aos vastos recursos de que é possuidor e lhe dão seguras garantias de um futuro brilhante como brilhante foi a sua carreira escolar.

Ao enviar-lhe os nossos parabens, abraçâmos seu estremoso pai pela enorme satisfação que deve ter sentido depois da formatura que vem de festejar.

Este numero foi visado pela comissão de censura

# Os lavadouros de S. Roque

## Como foram inaugurados depois das obras que os transformaram por completo

Foi de dupla festa, o ultimo domingo na Beira Mar.

Além do S. Gonçalinho ter sido estrondosa e brilhantemente solenisado, mais adiante, no Largo de S. Roque, no sopé da antiga capelinha, foram inaugurados os lavadouros publicos, que constituiam uma necessidade nunca esquecida pela Câmara e que agora foi suprida com uma obra magnifica, como talvêz nenhum outro municipio se possa gabar de ter feito construir.

Embandeirado o recinto, cêrca das 16 chegou a Banda Amisade e pouco depois o sr. dr. Lourenço Peixinho acompanhado da maioria dos vereadores, que é recebido com vivas, palmas e foguetes, manifestação expontanea na qual toma importante parte o sexo feminino, representado em grande numero.

Os tanques, murados em volta para proteger das nortadas impetuosas e frias, teem 4 divisões com 11 metros de comprido por 5 de largo, podendo a água ser substituida tantas vezes quanto necessario se torne.

O sr. dr. Lourenço Peixinho, rodeado de centenares de pessoas, fala.

Não poude mais cêdo realizar a sua promessa porquanto ela dependia da canalisação e reservatorios a construir para a água, que importavam em dezenas de coutos visto haver uma grande descida de nivel para o local e ter-se portanto de vencer todas essas dificuldades. Que a abertura do Canal de S. Roque fizera desviar a antiga nascente; que fôra preciso canalisar toda a água para os tanques; que estes trazem um grande beneficio ás classes pobres, poupando-lhe sacrificios e caminhadas e que, finalmente, satisfazendo as reclamações recebidas, ao inaugurar os lavadouros podia garantir que não os há melhores em qualquer parte. Em Lisboa, disse, são alguns maiores, mas melhores, não. Falta a cobertura, que até o fim do ano hade ser colocada ssim como algumas lampadas iluminatorias.

Em seguida foi aberta a torneira ligada ao cano condutor e a agua jorrou em abundancia.

Muitas palmas se ouvem, novos vivas se erguem, a banda executa o hino de José Estevam, que é o hino da cidade e algumas mulheres principiam a lavar lenços no meio de ruidosa alegria, tal a importancia do melhoramento—mais um a juntar aos que fazem parte do programa administrativo do nosso ilustre e querido conterraneo, dr. Lourenço Peixinho.

*O Democrata,* em nome da cidade, sauda-o!

## Benemerencia

— —

Pelos nossos conterraneos e amigos Antero dos Santos e João de Pinho Nascimento, residentes atualmente na America do Norte, foram-nos enviadas 2 dollars, que, cambiadas, deram 38$40, dinheiro que se destina aos pobres de *O Democrata.*

Como a carta nos foi entregue depois das festas do Natal e Ano Novo, fica aquela quantia de remissa para a futura distribuição, cumprindo-nos, porêm, desde já agradecer a generosa dádiva.

# Cumprimentos

Não só o reaparecimento deste semanario como tambem as festas do Natal e Ano Novo, deu logar a que recebessemos de muitos amigos, quer pessoalmente quer por escrito, as mais cativantes provas de solidariedade e estima que deveras nos sensibilisaram.

Dentre eles seja-nos licito destacar alguns de longe, como Antonio Madail, que, viajando com sua esposa, madame Willemine Madail, a bordo do *Thysville*, em direcção á Africa, se não esqueceu de quem com tanta sinceridade, corresponde á sua velha dedicação; dr. Antonio Nascimento Leitão, tenente-coronel médico e sub-director dos serviços de Saude e Higiene em Macau, aveirense ilustre, sempre lembrado com saudade desde que nos separámos para as lutas da vida; Crisanto de Melo, que na cidade-luz — Paris — acompanha com vivo interesse todas as manifestações da arte, do progresso e da civilisação e Antero dos Santos, que na America do Norte honra, pelo trabalho, a terra que lhe foi berço, sendo tambem recordado nesta casa, apezar da sua humildade, com especial interesse.

A todos reconhecidamente agradecemos a afectuosidade com que se nos dirigiram e a todos tambem estimâmos que o ano de 1928 lhes seja, quanto possivel, prospero e tapetado de mil venturas.

## Necrologia

### Elisio Feio

Apés alguns mezes de sofrimento, faleceu na sua casa de Esgueira, o velho republicano Elisio Filinto Feio, cujo funeral se efectuou ontem de tarde.

A falta de espaço e a escacez de tempo para uma mais larga noticia, obriga-nos a deixar para o proximo numero a homenagem de *O Democrata.*

Entrementes receba a familia enlutada os nossos sentidos pêsames.

* * *

Sucumbiu no sabado com 81 anos de idade a sr.ª D. Maria dos Prazeres Regala, viuva do saudoso medico dr. Luiz Augusto da Fonseca Regala.

A extinta, que até poucas horas antes do seu passamento manteve a sua actividade de sempre, deixa numerosa prole Era mãe estremosa dos srs. dr. Francisco Regala, medico que ha muitos anos se acha ausente da metropole, Agnelo e Laurelio Regala e das sr.as D. Dores, D. Benedita, D. Ana, D. Maria Rosa, D. Elia, D. Crisanta, D. Laura Regala, estas que no momento nos ocorrem.

Vitimou-a uma lesão cardiaca.

* * *

Tambem deixou de existir, por lhe ter sobrevindo uma congestão cerebral outra viuva, Maria José dos Anjos, que contava 80 anos e era sogra do sr. Antonio Martins Arroja.

A's familias enlutadas o nosso cartão de condolências.

## Bodo aos pobres

Como de costume, a benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade distribuiu um abundante bôdo aos necessitados, no dia 1.º do corrente ano, assistindo muitas pessoas convidadas.

Bem hajam os que não esquecem, em certos dias festivos, a miseria que aflige tantos lares.



## Contribuições e licenças

Foram afixados os seguintes avisos:

**Contribuição predial**

Os proprietarios e usofrutuarios ou possuidores, por qualquer titulo, de predios urbanos, são obrigapos a enviar até ao dia 30 de Janeiro á Repartição de Finanças do concelho em que esses predios estiverem situados uma relação com os nomes dos inquilinos (quer neles se exerça quer não comercio, industria, profissão, arte ou oficio) e importancia das rendas anuais pagas por cada um, sob pena de multa na importancia de 500$00.

**Taxa complementar de contribuição industrial**

Os contribuintes sujeitos no ano de 1927--1928 a taxa complementar de contribuição industrial, apresentarão, até ao dia 31 de março proximo na repartição de Finanças deste concelho (desde que a séde seja neste concelho) uma declaração conforme o modelo anexo ao decreto 9498, sob pena de multa da importancia de escudos 100$00.

**Taxa anual de contribuição industrial**

Os contribuintes sujeitos á taxa anual de contribuição industrial referente ao ano economico de 1928--1929, apresentarão até ao dia 31 de março proximo, na Repartição de Finanças deste concelho, uma declaração conforme o modelo anexo ao decreto n.º 9498, sob pena de multa igual ao dobro da taxa que fôr devida, sem prejuizo do pagamento desta, mas não podendo a mesma multa sêr inferior a 50$00.

**Imposto de viação e turismo**

Todas as pessoas que transitarem em estradas, com animais de carga, tiro ou cela, veículos de tracção animal, de passageiros ou de carga, bicicletas, *side-cars*, automoveis, comions de passageiros ou de carga, teem de munir-se da competente licença que será solicitada na Repartição de Finanças e paga adiantadamente.

Estas licenças podem ser concedidas por periodos trimestrais ou anuais.

Quem fôr encontrado em transito sem referida licença incorre na multa de 10$00 a 200$00.

## Correspondencias

### Costa do Valado, 12

Vai aqui realizar-se num dos proximos domingos o cortejo das pastoras para o que já começaram os ensaios dos canticos a entoar.

— Retirou para Lisboa a continuar o curso telegráfico o nosso conterraneo Julio Ferreira Dias.

— Para o Porto seguiu o académico José Rodrigues Ferreira.

— Foi promovido a factor de 2.ª classe e colocado na estação ferroviária de Espinho, o sr. Julio Cezar da Silva, filho do professor primário de Quintans, sr. Manuel Silva.

— Tem apertado nos ultimos dias o frio proprio do mez que atravessâmos, mas em compensação melhoraram as estradas que, sêcas como estão e com a maior parte dos buracos tapados, até faz gosto transitar por elas.

Que faria se sofressem concerto radical!.

C.

### Oliveirinha, 12

O pequeno lugar da Moita, onde teem nascido e se teem creado as mais lindas mulheres desta freguesia, o pequeno logar da Moita, diziamos, vestiu-se de galas para festejar no sabado, domingo e segunda-feira a Senhora da Memória, que atraiu bastante gente á sua capelinha e, devido, sem duvida, ao bom tempo, teve um concorridíssimo arraial com fogo, musica e iluminação, deixando a todos perduravel lembrança.

A mocidade divertiu-se; e como não houvesse a mais pequena nota discordante, vão as nossas felicitações para quantos se dignificaram, esforçando-se por imprimir aos festejos aquela alegria caracteristica das solenidades na aldeia.

C.

# Sociedade por quotas

Por escritura celebrada no dia 31 de dezembro de 1927 nas notas do notario desta cidade — Barbosa de Magalhães, foi constituida entre Ulisses Pereira, Francisco Pereira Lopes, José Maria da Costa Monteiro, Benjamim Ferreira Fidalgo, José Francisco Corujo e José Dionisio, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada que ha de reger-se pelas condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adota a firma *Ulisses Pereira, L.ª*, tem a sua sede em Aveiro e o seu estabelecimento provisorio na Avenida Central, a sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos, desde o dia 1.º de Novembro do corrente ano.

2.º

O objecto da sociedade é, especialmente, o comercio de Mercearias por grosso, podendo exercer qualquer outro comercio em que a sociedade acorde.

3.º

O capital social é de escudos 90.000$00 representado por 6 quotas de escudos 15.000$00 cada uma, pertencendo uma a cada socio, capital este que se acha inteiramente realisado.

O valor das quotas dos socios Ulisses Pereira, Francisco Pereira Lopes, José Maria da Costa Monteiro e José Dionisio, é o que resulta dos saldos que para esta sociedade transferem e são os do apuramento, por balanço, de uma sociedade que entre eles existiu até 31 de outubro ultimo, e assim descriminados:

| | |
|---|---|
| Caixa | 4.809$91 |
| Mercadorias | 37.600$18 |
| Moveis e utencilios | 5.688$00 |
| Dividas activas | 157.644$60 |
| Dividas passivas | 145.742$69 |

Dos saldos de todas estas contas, com excepção do da Caixa, ficam inventarios descriminativos, assinados por estes socios, na sede da sociedade e á guarda do gerente, que sempre comprovarão a sua veracidade.

4.º

A sessão de quotas ou parte delas fica dependente do consentimento da sociedade.

5.º

A sociedade poderá amortisar pelo valor inicial acrescido da correspondente parte do fundo de reserva e outros que possam haver, qualquer quota que se pretenda alhear, e a amortisação será feita pagando a respectiva importancia dentro de um ano, em prestações trimestrais e iguais, que vencem juro á razão de 10 0|0 ao ano.

6.º

A gerencia fica a cargo do socio Ulisses Pereira que representa a sociedade em juizo e fóra dele, e é dispensado de caução, e no seu impedimento a cargo do socio Benjamim Ferreira Fidalgo, que tem a seu cargo o caixa social e respectiva escrita. Nenhum destes dois socios poderá, pois, obrigar a sociedade, assinando a firma unica e exclusivamente nos actos e documentos sociais e a gerencia dura enquanto o mandato não fôr revogado por mau uso.

7.º

O balanço será encerrado e as contas fechadas no dia 31 de outubro de cada ano, e no mez seguinte será apresentado á assembleia geral dos socios para aprovação, sendo exequivel por solução de maioria, e na falta de reunião considera-se igualmente aprovado e é exequivel.

8.º

Dos lucros liquidos de cada ano reparar-se-ha primeiro a percentagem legal para fundo de reserva, enquanto este se não achar realisado ou fôr preciso reintegrá-lo, e o restante será para dividir aos socios na proporsão das suas quotas, se outra cousa não fôr resolvido.

9.º

As reuniões da sociedade, quando devam realisar-se, serão convocadas pelo gerente por simples carta dirigida aos socios e com a antecedencia de trez dias, salvo nos casos para que a lei exiga outra forma de convocação.

10.º

No caso de falencia ou interdição de qualquer socio, os seus herdeiros ou representantes exercerão os seus direitos nomeando de entre si ou estranhos uma só pessoa que os represente enquanto a quota do falecido ou interdito não fôr amortisada pela sociedade, pois esta reserva-se o direito de a amortisar, dando conhecimento da sua resolução, dentro de trinta dias seguintes ao obito ou á sentença que julgue a interdição, sendo a amortisação feita nas condições do artigo 5.º

11.º

Quando a sociedade resolva não adquirir a quota do socio falecido ou interdito e quando os herdeiros e representantes destes pretendam sair da sociedade, terão de oferecer a quota aos demais socios, que terão a preferencia da sua aquisição; e quando qualquer dos socios a não pretenda, então poderá a quota oferecida ser cedida a estranhos, ficando no entanto proibida a sua divisão.

12.º

A dissolução só se dará nos precisos casos marcados na lei ou quando qualquer dos socios não cumpra alguma das obrigações a que pessoalmente fica obrigado.

13.º

Dissolvida a sociedade, proceder-se-há á liquidação, que será feita nos termos de direito, pelo socio a que pertencer a quota de maior importancia ou que possua quotas de importancia cuja soma seja superior á parte de qualquer dos outros socios.

14.º

Nenhum socio poderá exercer em Aveiro em seu nome individual, associado com outrem ou por interposta pessoa, industria ou comercio identico ao desta sociedade, salvo o caso de expressa autorisação conferida pela assembleia geral.

15.º

Em tudo o omisso regulam as disposições da lei de 11 de abril de 1901, e mais legislação aplicavel.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1927.

O notario ajudante.

*José Robalo Lisboa Junior.*